

Crescimento. Mais de 29 milhões ascenderam socialmente e no último ano a classe média chega a 50,2%

Classe C já é mais da metade da população brasileira

Renda média no país cresceu 7,7% de julho de 2009 a julho deste ano

■ RIO DE JANEIRO. O número de brasileiros que compõem a nova classe média, com renda de R\$ 1.126 a R\$ 4.854, chegou a 94,9 milhões de pessoas e ultrapassou pela primeira vez 50% da população, de acordo com dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), relativa a 2009. O indicador confirma uma tendência que já estava sendo apontada pela pesquisa mensal de emprego (PME) desde 2008, segundo informações da pesquisa "A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres", di-

vulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A pesquisa mostrou que de 2003 a 2009, um total de 29.063.545 ascenderam para a classe C, a chamada nova classe média. Somente entre 2008 e 2009, período da crise financeira internacional, 3.172.653 pessoas subiram para essa classe. "Ela já representa mais da metade da população e tem um grande poder político e econômico, pois detém o maior poder de compra", afirmou o coordenador do estudo, Marcelo Nery.

De acordo com a pesquisa, o crescimento do país nos últimos anos está mais baseado em geração de renda do que em consumo. Enquanto o índice sintético de potencial de consumo aumentou 22,6% entre 2003

e 2008, o índice de geração de renda subiu 31,2%. Segundo Nery, isso indica a sustentabilidade desse crescimento. "Está prosperando mais o lado trabalhador do que o lado consumidor. Com isso, as empresas devem estar contentes, pois as pessoas vão poder continuar comprando", disse.

Segundo ele, esse movimento "é sustentável". De acordo com Nery "não é só crédito e programas sociais, o Brasil foi para a escola nos anos 90, conseguiu trabalho com carteira assinada, está contribuindo para a Previdência, está inves-

tindo em computadores".

RENDA. A pesquisa revela que a renda média dos brasileiros cresceu 7,7% de julho de 2009 a julho deste ano. O percentual é superior à média anual de 3,8% registrada de dezembro de 2002 a dezembro de 2008. A pesquisa mostrou também que o índice de Gini, que mede a desigualdade, recuou 1,4% entre julho de 2009 e julho de 2010, compilando dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE.

"A desigualdade continua em queda. O processo de emergência da classe média é sustentável e diferente da Índia e da China, que crescem economicamente, mas nem tanto com redução de desigualdade", disse Nery. Ele comentou ainda que o forte aumento da renda registrado no período (de julho de 2009 a julho de

2010) também é resultado do fato de o país estar às vésperas de eleições gerais. Ele afirmou que este movimento costuma ocorrer em períodos antes da ida às urnas.

Desigualdade

País deve atingir menor nível

Gênero

Diferença. A renda das mulheres cresce, mas segue menor que a dos homens. Em 2004, o rendimento médio mensal delas era de R\$ 613, e chegou a R\$ 786 em 2009. Deles, passou de R\$ 964 para R\$ 1.171.

RIO DE JANEIRO. O estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) também aponta que o Brasil está prestes a atingir o menor nível de desigualdade social desde 1960. A projeção é baseada no índice de Gini, que varia de zero a um; quanto mais próximo de 1, menor a desigualdade. Para 2009, a FGV aponta um índice de 0,5448, ante 0,5367 em 1960. Segundo o coordenador do estudo, Marcelo Neri, a desigualdade cai repetidamente desde

o início da década e os indicadores atuais apontam continuidade nesse processo.

Neri afirma que, após a recessão de 2003, o Brasil tinha 49 milhões de pobres. Até 2008, segundo o especialista, 19,5 milhões saíram da pobreza. Apesar do resultado positivo, Neri ressalta que o país ainda está entre os dez países com maiores índices de desigualdade no mundo. De acordo com o economista, no ritmo atual, o Brasil precisaria de 30 anos para

atingir o nível de desigualdade registrado nos Estados Unidos. A FGV considera que os brasileiros com renda mensal de até R\$ 144 por pessoa estão na linha de pobreza.

Neri diz que o Brasil vive um crescimento comparável ao da China, mas diz que o avanço econômico no Brasil tem qualidade superior ao do país asiático. "O boom brasileiro vem acompanhado de maior equidade, enquanto a China vive uma crescente desigualdade".

A NOVA CLASSE MÉDIA

Classes em 2009 (%)



O potencial de consumo da classe C subiu **2,49%**

A capacidade de geração de renda cresceu **3,05%**

DE JULHO/2009 A JULHO/2010

A renda média dos brasileiros cresceu

7,7%

O índice de Gini (mede a desigualdade) recuou

1,4%

Estabilidade

"O crédito é importante, mas não é o protagonista desse crescimento, é o coadjuvante. O Brasil teve duas grandes estabilizações, a primeira do real em 1994 e a segunda do 'real do Lula' – o choque de confiança na economia".

Marcelo Neri

PROFESSOR DA FGV

Crescimento América Latina não é mais quintal

LONDRES, REINO UNIDO. A América Latina não pode mais ser chamada de "quintal do mundo", conforme reportagem especial publicada ontem por "The Economist". A revista trata das mudanças econômicas ocorridas nos últimos anos, que marcaram uma virada na região.

Em cinco anos até 2008, a América Latina cresceu 5,5% por ano, em média,

com inflação de um dígito. "A crise financeira interrompeu abruptamente esse crescimento, mas foi a primeira vez na história recente que a América Latina foi um espectador inocente, e não um protagonista", diz a publicação britânica.

O avanço econômico, que deve ser de 5% neste ano, caminha junto com progresso social, na avaliação da "The Economist".

Entre 2002 e 2008, 40 milhões de latino-americanos saíram da pobreza e a distribuição de renda se tornou um pouco menos desigual.

Esse desempenho vem atraindo as empresas. "Como enfrentam dificuldades numa China cada vez mais truculenta, as multinacionais do mundo rico estão começando a olhar para a América Latina com renovado interesse".



Sustentável. O país está prosperando mais no seu lado trabalhador do que no seu lado consumidor